

Literatura e suportes contemporâneos: algumas questões e um relato espantoso¹

Ricardo Azevedo²

Antes de mais nada, gostaria de tentar desfazer uma confusão. Nos dias de hoje, a ideia de “interatividade” costuma ser apresentada como uma espécie de chave milagrosa capaz de abrir as portas de um futuro repleto de experiências e aprendizados. Não creio nisso. Ao contrário, a tal da “interatividade” me lembra mais o que o filósofo John Searle chamou de “frases feitas”: aquelas que nos ajudam a abandonar nossos problemas antes de resolvê-los. É preciso ser claro: uma coisa é “interatividade”; outra bem diferente é “diálogo”. Bakhtin já nos ensinou isso faz tempo. E os pensadores gregos há mais tempo ainda. Como sabemos, para que o diálogo se configure é necessário, em suma, que haja um descontrole espontâneo, essencial e estruturador. A partir de dois que dialogam surge uma terceira coisa, diferente da soma do que foi dito pelas duas partes e, muitas vezes, essa coisa é inesperada, contraditória e imprevisível. A interação, como nos é apresentada pelos suportes contemporâneos, nada mais é do que um jogo de cartas marcadas. Trata-se de um simples discurso monológico fazendo-se passar por diálogo.

Se todo diálogo é, de fato, uma interação, acreditar que toda a interação corresponda a um diálogo não passa de um ingênuo e lamentável equívoco.

¹ Artigo publicado em Tânia Rösing e Fabiane Burlamaque (org.), *Literatura para crianças e jovens – Por um novo pensamento crítico*. Editora Universidade de Passo Fundo UPF, 2013. ISBN 978-85-7515-807-4. Escrito a partir de participação na mesa redonda “Simpósio Literatura, signos e suportes contemporâneos” durante a 14ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo 25 de Agosto de 2011.

² Escritor e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo

Nossas crianças e jovens, têm convivido, por meio de computadores, internets e recursos tecnológicos afins, com uma montanha de atividades e programas “interativos”. Na forma em que estão formatados, não creio que eles ajudem muito se pensarmos num processo de formação e de aprendizado consistente. Pelo contrário, minha sensação é a de que tais programas e atividades constituem uma importante contribuição para isolar, alienar e domesticar nossas crianças e jovens.

Ano passado, fui convidado a dar uma entrevista ao vivo num programa da TV Cultura. Assim que cheguei no estúdio, o jovem e simpático apresentador me alertou que o programa era dirigido a pessoas da “geração Y”. Confesso que não entendi. Ele então me explicou que tratava-se de uma geração que cresceu com o computador e que tinha o costume de fazer várias coisas ao mesmo tempo. Segundo o apresentador, boa parte dos espectadores estava ainda no trabalho diante de computador – o programa começava às 19hs – e fazia suas perguntas pela internet enquanto trabalhava. E veio com um pedido inesperado: “por favor, não se profunde nos assuntos porque o pessoal da geração Y não gosta disso. Prefere pegar as coisas no ar e depois, “construir” sua opinião, cada um por si, consultando o *google*.” (!).

Preciso dizer que foram as perguntas mais banais e medíocres que recebi em toda a minha vida. Besteiro é uma palavra boa para definir o referido programa e seu incauto e literalmente “descolado” público. Refiro-me a um descolamento que implica a substituição da vida humana concreta, situada e dialógica pela “virtualidade” e pela “interatividade”.

Vale informar que o público do programa era formado predominantemente por jovens adultos na faixa dos 20 aos 30 anos.

Fato é que, por causa da internet e afins, nunca estivemos tão expostos a tanta quantidade de informações. Tampouco tivemos antes a oportunidade de estabelecer um número tão grande de relacionamentos.

Diante de tamanho volume de informações, como separar as que realmente importam para poder pensar sobre elas e, a partir daí, tirar alguma conclusão relevante?

Diante de tantas possibilidades de relacionamento, com construir um contato humano um pouco mais profundo e significativo?

Na verdade, ao que tudo indica, a tendência à superficialidade e à falta de pensamento crítico parece ser parte marcante do modelo cultural em voga na atualidade.

A razão é simples. O pensamento crítico demanda necessariamente conhecimento, aprofundamento, análise, reflexão e corresponde a um processo lento que exige trabalho concentrado, tempo e persistência.

Sua construção implica, em outras palavras, padrões de longa duração.

Da mesma forma, situações banais, mas muito importantes na vida humana concreta como, por exemplo, o estabelecimento de relações sexuais, de amizades e parcerias, de famílias, de hábitos pessoais, de cuidados com a saúde e com o corpo, assim como o desenvolvimento de profissões e carreiras, sem falar na construção do nosso acervo de conhecimento e no nosso próprio amadurecimento pessoal correspondem, na maioria quase absoluta das vezes, a padrões de longa duração, ou seja, implicam processos densos, longos e lentos.

Em geral, viver significa lidar com um processo de longa duração.

Aliás, o mesmo ocorre com a chamada formação do leitor.

Ler implica um lento e contínuo processo de aprendizado, o desenvolvimento de um foco mental individual, o desenvolvimento da capacidade de concentração, disciplina, aprofundamento, persistência e trabalho sistemático. Justamente por essa razão, a leitura é tão prazerosa e tem o dom de ampliar nosso conhecimento e nosso pensamento crítico aprimorando dessa forma quem nós somos.

O prazer da leitura, enfim, não cai do céu mas, sim, nasce da concentração e do trabalho.

Nada a ver com virtualidades e interatividades fragmentadas que, ao contrário, tendem a nos fazer reinventar a roda abarrotados de ingênua presunção sem enxergar o monte de problemas à nossa volta que nem de longe foram solucionados.

Pincei, aqui e ali, no livro *A cultura do narcisismo. A vida americana numa era de esperanças em declínio*, do cientista social Christopher Lasch, obra que recomendo, dados que nos ajudam a descrever o homem produzido pelo modelo cultural hegemônico nos dias de hoje³:

o “viver para si, não para os que virão a seguir ou para a posteridade” (o que implicaria, segundo Lash, na perda do sentido de continuidade histórica e no desinteresse pelo futuro);

o “isolamento do eu” e o “vazio interior”;

o culto da “saúde mental”, segundo Lasch “a destruição de inibições e a imediata gratificação de qualquer impulso”;

a valorização da “popularidade do modo confessional” (que mistura o público e o privado: *Big Brother?* Revista *Caras?*);

³ C.f. LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo. A vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro, Imago, 1983.

o “culto da celebridade” (“a mídia dá substância e (...) intensifica os sonhos narcisistas de fama e glória, encoraja o homem comum a identificar-se com as estrelas e a odiar “o rebanho” e torna cada vez mais difícil (...) aceitar a banalidade da existência cotidiana”);

a ‘crença de que a sociedade não tem futuro” (devido a “uma incapacidade narcisista de identificar-se com a posteridade ou de sentir-se parte do fluxo da história”);

a organização da vida privada “de acordo com as exigências das grandes organizações” (marketing pessoal, o “meu mercado”, horários e calendários ditados por interesses comerciais, festas tendo em vista fazer relações públicas etc.) e, ainda,

a “tentativa de vender a própria imagem” como mercadoria e com valor de mercado, entre muitas outras características bastante corriqueiras e facilmente verificáveis na vida social contemporânea.

No modelo descrito acima, surge sempre um cara que diz: “e daí que a água vai acabar daqui a 50 anos? Até lá eu já morri!”.

Heidegger, faz tempo, já perguntava: “Será que a cultura técnica – e por conseguinte a própria técnica – contribui em geral, e se assim em que sentido, para a cultura humana (...) ou arruína-a e ameaça-a?”⁴

Sua conclusão é a de que o objetivo final de ciência e técnica seria extrair e tornar útil de forma controlada e ilimitada, a energia da natureza. Como o homem é parte da natureza, de dono da técnica e da ciência passa, pouco a pouco, a ser mero objeto das duas. Em resumo, para o filósofo, o princípio da técnica teria adquirido autonomia e controle sobre o homem. Temo que Heidegger talvez esteja certo.

⁴ HEIDEGGER, Martin. *Língua de tradição e língua técnica*. Lisboa, Passagens, 1995, p.17.

Por outro lado, Hannah Arendt, no livro *Entre o passado e o futuro*, publicado nos anos 50, lembrava a responsabilidade crucial que têm os adultos de apresentar a cultura aos que ela chamava, em vez de “crianças”, de “recém chegados”.

Afinal, perguntava a filósofa, o que farão esses “recém chegados”, quando adultos, se forem pessoas mal informadas, desconhecedoras da herança cultural humana, pessoas individualistas tendo apenas formação técnica? E se tiverem acesso a armas nucleares?

Daí, segundo ela, a importância crucial e civilizatória da Educação.

Talvez hoje Hannah Arendt, aflita, perguntasse: o que farão essas pessoas se tiverem nas mãos, além de armas de destruição em massa, a internet, as redes sociais, a engenharia genética, a nanotecnologia, as inúmeras técnicas de clonagem etc.?

Sou otimista com relação ao poder extraordinário das novas tecnologias mas se, como disse Neil Postman, “as crianças são as mensagens vivas que enviamos a um tempo que não veremos” acho que está mais do que na hora de aplicar uma boa dose de reflexão e pensamento crítico aos novos meios de comunicação e de produção do conhecimento.

Creio que cabe a todos nós adultos o desafio de, diante de uma paisagem tão complexa, fazer com que nossos “recém chegados” tenham, ao mesmo tempo e de forma equivalente, acesso a novos recursos tecnológicos e uma sólida cultura humanista.

Por humanismo refiro-me simplesmente à visão do homem como

1.um ser eminentemente social (e incapaz de viver sem uma sociedade. No ambiente exageradamente individualista em que vivemos, tal condição costuma ser desvalorizada a até esquecida)

2.um ser expressivo, emotivo, criativo e efêmero (ou seja, ele envelhece e morre. A morte é um dos mais extraordinários fatores de identificação entre todos os homens)

3.capaz de construir linguagens e símbolos (e não apenas utilizá-los e repeti-los)

4. capaz de pensar em coisas abstratas como justiça, moral e estética (somos o único animal capaz de fazer isso)

5.capaz de transformar a natureza e a sociedade (para melhor e para pior)

6. capaz de sonhar em construir um futuro mais justo e civilizado (em que os interesses da sociedade estejam o mais próximo possível dos interesses de cada indivíduo), o que implica desejar um mundo melhor para os que ainda não nasceram.

Talvez este também seja o grande desafio da escola contemporânea: formar pessoas que tenham, repito, acesso aos recursos tecnológicos e, ao mesmo tempo e de forma equivalente, uma sólida cultura humanista.

Como a questão de fundo aqui é discutir literatura, preciso dizer que, na minha visão, pessoas formadas, educadas e diplomadas apenas para ser técnicos e consumidores despolitizados, “descolados” da vida humana concreta e, portanto, da sociedade em que vivem – estado mental com que, nos dias de hoje, infelizmente tem saído da escola boa parte de nossos estudantes–, dificilmente terão qualquer interesse por literatura ou mesmo capacidade e concentração suficientes não apenas para ler e saber fruir livros de ficção e de poesia, como para avaliar as diversificadas informações técnicas adquiridas nos bancos escolares.

Faço questão de ressaltar este ponto: a leitura feita com um mínimo de densidade, mais do que qualquer outro meio conhecido (basta comparar), tem o extraordinário dom de desenvolver nossa capacidade de concentração e de reflexão ampliando, assim, nossa competência cognitiva, nossa sensibilidade e, em decorrência, nossa visão crítica da vida e do mundo. Não é pouco!

Vou concluir com um pequeno relato.

Tenho uma amiga psicanalista que, ao longo dos anos, tornou-se especialista no atendimento de jovens. Segundo ela, vem aumentando cada vez mais, não só no seu consultório como também no de seus colegas, o número de adolescentes que trazem o seguinte e inesperado dilema: fazem sexo pela internet mas não conseguem fazer sexo ao vivo(!).

Prefiro deixar as múltiplas conclusões e inferências resultantes deste singelo e espantoso relato para o prezado leitor.